

ÁGUAS PASSADAS

SÉRIE ESPECIAL



/// LETÍCIA GONÇALVES
lgoncalves@redgazeta.com.br
/// NATALIA DEVENS
ncosta@redgazeta.com.br

O odor é desagradável, a cor não parece ser natural, e o lixo varia de colchões e aparelhos de TV a vasos sanitários. Para constatar o despejo de esgoto nos rios urbanos da Grande Vitória não é preciso nem mesmo localizar os canos que saem das casas em direção à água. Um breve olhar o revela. Mas esse triste cenário nem sempre foi assim. Os cursos d'água foram responsáveis pela subsistência de populações inteiras e pelo transporte de mercadorias em um passado nem tão distante. Hoje, os outrora rios, córregos e braços de mar são mais conhecidos como valões ou canais; ignorados tanto pelo poder público quanto pela própria população que convive com eles todos os dias ao morar em suas margens ou ao passar por eles. Viraram águas passadas.

Alguns desses (des)casos serão representados nesta reportagem – que se estenderá até a próxima quarta-feira – como exemplos do que foram, do que se tornaram e do que ainda podem vir a ser o Rio Marinho, que divide os municípios de Vila Velha e Cariacica; o Canal da Costa (originalmente Rio da Costa), em Vila Velha; o Canal da Avenida Leitão da Silva e o Córrego Jucutuquara, em Vitória. A Lagoa Jacuném, na Serra, que recebe o fluxo de três córregos, também será retratada. Todos tiveram seu papel na história.

“Os rios tiveram uma importância extraordinária. Eram estradas líquidas e meios de sobrevivência. Estamos destruindo

É PAU, É PEDRA,
É LIXO... É O FIM
DO CAMINHO?

AO LONGO DAS ÚLTIMAS DÉCADAS, CÓRREGOS E RIOS DA GRANDE VITÓRIA “SUMIRAM”, DANDO LUGAR A VALÕES POLUÍDOS

nossa história mais profunda, o que tem a ver com nosso modo de vida. Capixaba é isso, gente do ambiente da água, do estuário, da foz, de coleta, pescadores, gente simples. A agressão aos rios é uma agressão à própria identidade do capixaba”, afirma o historiador Estilaque Ferreira.

PANORAMA

A situação dos rios que passam em meio às cidades da Grande Vitória não é uma ex-

clusividade. O levantamento “Observando os Rios”, da ONG SOS Mata Atlântica, com dados de fevereiro de 2017 referentes a 73 municípios de 11 Estados (inclusive o Espírito Santo), revela que somente seis entre 240 pontos de coleta de água monitorados apresentam boa qualidade. De forma geral, 70% são apenas regulares e 27,5% são ruins ou péssimos. A principal causa da degradação é o despejo de esgoto doméstico sem tra-

tamento ou com baixa eficiência de tratamento.

“O principal problema dos nossos rios é que há muito esgoto bruto lançado neles. Tem o discurso de que a população não se liga à rede. Mas a cobertura é deficiente. Os rios urbanos cortam áreas que têm coleta e tratamento e áreas que não têm”, destaca o pós-doutor em engenharia sanitária Ricardo Franci Gonçalves.

O desmatamento e o uso desordenado do solo também es-

tão na lista de vilões. “Os políticos, para ganhar voto, facilitaram a ocupação irregular, as invasões”, lembra o ambientalista Eduardo Pignaton. Casas construídas quase dentro dos rios, muitas vezes de costas para eles, são um lembrete do resultado dessas ocupações.

E a relação entre eleitores e eleitos é mais uma questão primordial para garantir que tudo permaneça como está. “O legal é pedir hospital, posto de saúde, que é coisa que político adora inaugurar. Mas o que evita a doença (o saneamento básico) não se faz. É enxugar gelo”, avalia o presidente do Instituto Trata Brasil, Édison Carlos.

A arquiteta Maria Cecília Barbieri Gorski, autora do livro “Rios e cidades: ruptura e reconciliação”, lembra que saneamento é um investimento que ultrapassa várias gestões.

“Ninguém cobra saneamento básico porque não vai ser resolvido em quatro anos (tempo de duração dos mandatos de prefeito e governador, por exemplo). Os políticos têm que ver que isso pode trazer votos. Mas somente se os eleitores tiverem interesse”, afirma.

“

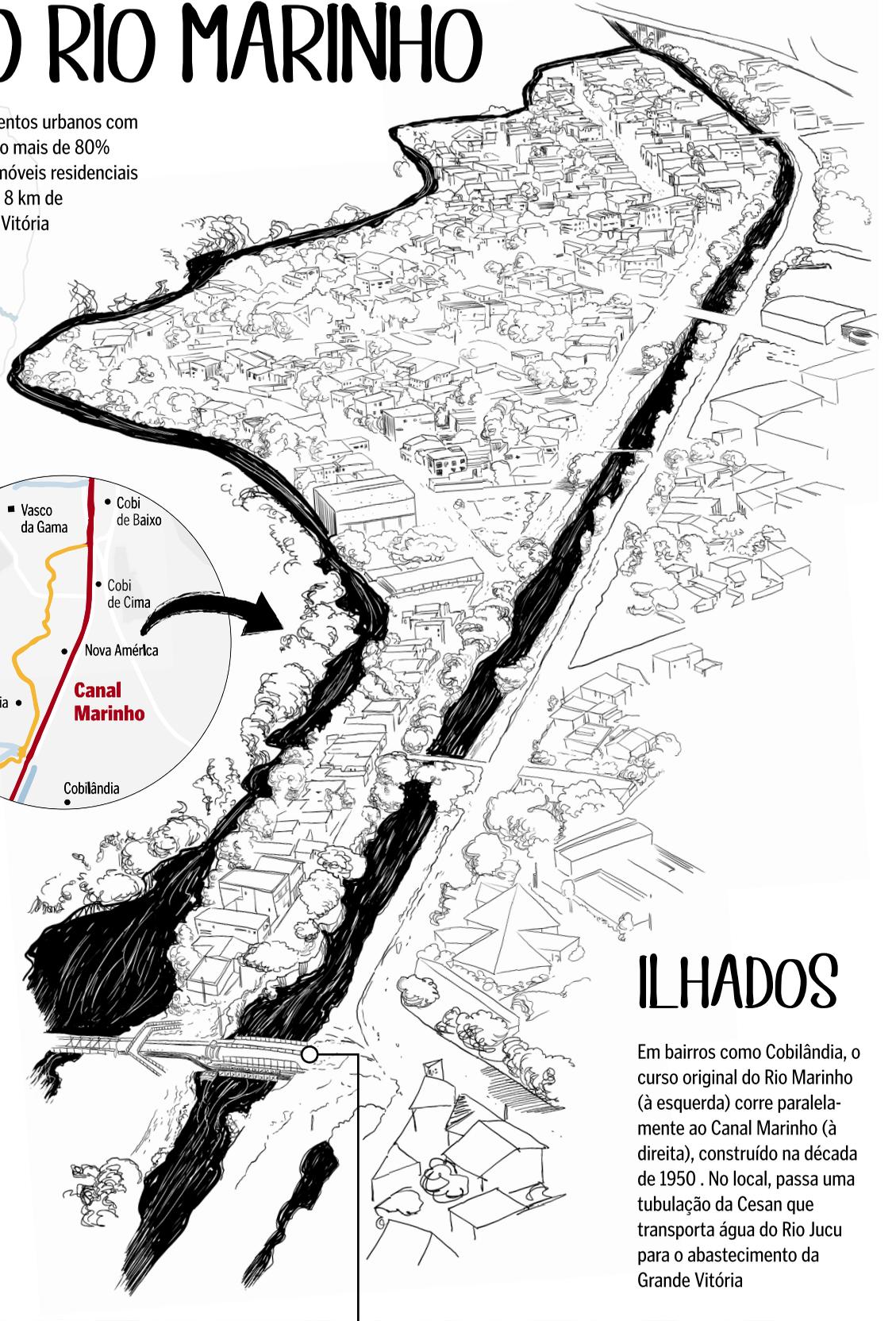
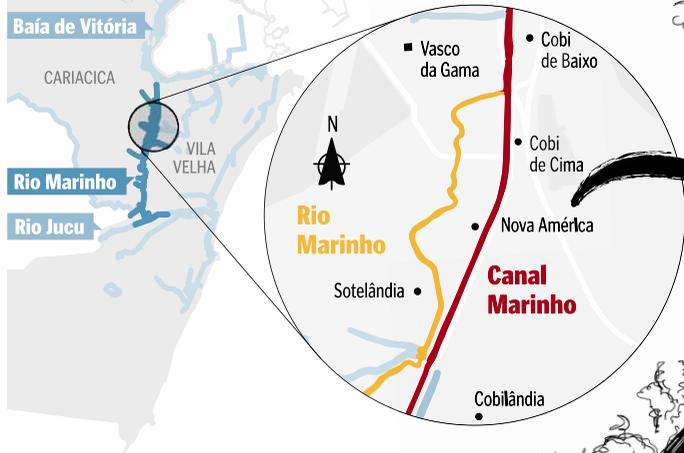
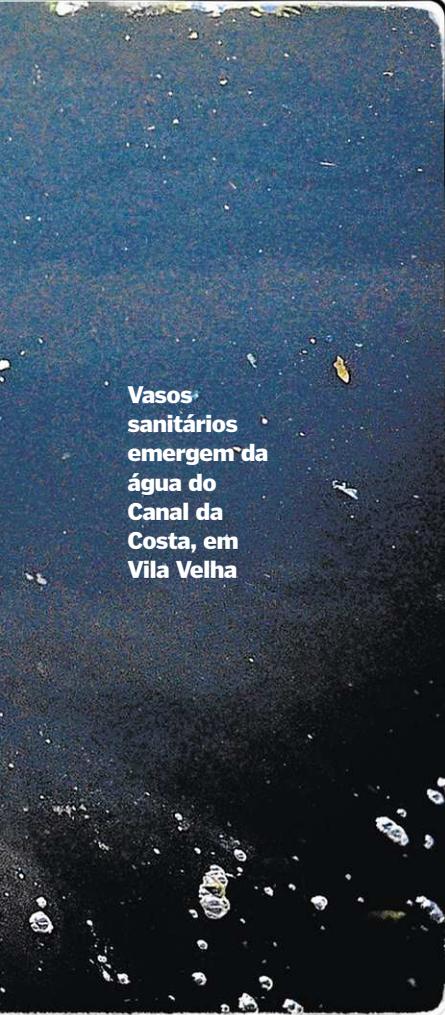
Os políticos, para ganhar voto, facilitaram a ocupação irregular, as invasões”

—
EDUARDO PIGNATON
AMBIENTALISTA

FERNANDO MADEIRA

BACIA DO RIO MARINHO

O solo na bacia está ocupado por loteamentos urbanos com importante densidade demográfica, sendo mais de 80% de sua bacia hidrográfica ocupada com imóveis residenciais e industriais. O Rio Marinho tem cerca de 8 km de extensão e vai de Caçaroca até a Baía de Vitória



FONTE EM VITÓRIA "BATIZOU" O CAPIXABA

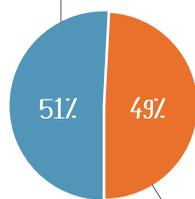
A história do Espírito Santo é tão ligada à água que até o nome "capixaba", como gentílico de quem nasce no Estado, tem origem em uma fonte. O historiador Adilson Villaça lembra que a Fonte da Capixaba, hoje localizada no Parque da Gruta da Onça, no Centro de Vitória, foi o início de tudo. A palavra capixaba já era utilizada pelos indígenas para denominar "roça de milho pronta para a colheita" e foi incorporada à fonte. Depois, a água foi utilizada para batismos. "A água era retirada para uma pia. Quem era batizado com ela ganhava o apelido de capixaba. Antigamente, a palavra só designava moradores da ilha que recebiam esse batismo. Depois quem morava na ilha virou capixaba, depois quem morava em toda a cidade de Vitória", conta.

62 BAIRROS

13 em Vila Velha
49 em Cariacica
O número de bairros diz respeito à bacia de contribuição, área na qual toda a chuva que cai é drenada para o rio principal

71.755 IMÓVEIS

36.930 estão ligados
à rede de coleta e tratamento de esgoto



34.825 não estão ligados
à rede de esgoto
37% não possuem rede disponível
12% possuem rede disponível, mas não fizeram a ligação

ILHADOS

Em bairros como Cobilândia, o curso original do Rio Marinho (à esquerda) corre paralelamente ao Canal Marinho (à direita), construído na década de 1950. No local, passa uma tubulação da Cesan que transporta água do Rio Jucu para o abastecimento da Grande Vitória



FONTE: CESAN, PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO DE VILA VELHA E "RIO MARINHO: PASSADO, PRESENTE... E O FUTURO?", DE JULIANO MOTTA SILVA

SECUNDO REZENDE



Em Cobilândia, águas do Rio Marinho passam por manilhas de um lado a outro da rua

LETÍCIA GONÇALVES
lgoncalves@redgazeta.com.br

NATALIA DEVENS
ncosta@redgazeta.com.br

Era o ano de 1712 quando os jesuítas realizaram a primeira obra de engenharia de transposição de águas de uma bacia hidrográfica para outra que se tem notícia no Brasil. Eles ligaram o Rio Marinho ao Rio Jucu e o Marinho passou a ser o principal canal de escoamento da Fazenda Araçatuba, de propriedade dos religiosos. Durante os mais de 300 anos depois, o rio passou por muitas outras transformações e até mesmo um novo canal foi construído, desta vez para captação de água, na década de 1950. Mas foi nos últimos 50 anos que o Rio Marinho passou a ser atingido por seu maior alçoz: o despejo de esgoto in natura.

O passado de meio de transporte e fonte de água potável ficou para trás. As obras, que ainda incluíram uma ligação forçada ao Rio Formate, em Cariacica, e a ocupação desordenada das margens em meio ao processo de industrialização da Grande Vitória provocaram a morte do Rio Marinho, ao menos no imaginário coletivo, que hoje o associa a um valão poluído.

A desfiguração pela qual o rio passou, no entanto, não ocorreu sem protestos. Ainda no século

DESFIGURADO PELO CURSO DA HISTÓRIA

AO REDOR DO RIO MARINHO, 49% DOS IMÓVEIS NÃO ESTÃO LIGADOS À REDE DE ESGOTO

XVIII, moradores da região questionaram, sem êxito, a ação dos jesuítas na construção do canal. “Como os jesuítas eram as pessoas mais poderosas do Estado na época, a obra foi feita. E, depois dela, os próprios moradores tinham que pagar uma espécie de pedágio

para atravessar o rio”, conta o historiador Estilaque Ferreira, autor do livro “Uma devassa contra os jesuítas no Espírito Santo”.

Já a captação de água no Rio Marinho também remonta a tempos antigos, mas nem tão antigos assim. Para suprir a deficiência da

Vila de Vitória, o rio era utilizado como fonte de abastecimento de forma primitiva, por meio de barris em canoas. Já no ano de 1956, começou a coleta de água por meio de um canal construído para este fim. “Na década de 1970, com todas essas transformações e com o

Rio Formate jogando suas águas no Rio Marinho, a implantação de indústrias, o grande crescimento populacional e urbano sem planejamento adequado, com falta de esgotamento sanitário, fez com que a captação de água no Rio Marinho ficasse muito cara. Era complicado fazer o tratamento da água. Então o governo, em vez de pensar em tratar essa água e recuperar o rio, preferiu abandonar a estrutura existente e buscar água no Rio Jucu”, conta o arquiteto Juliano Motta, mestrando da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que estuda o Rio Marinho.

Em Cobilândia, Vila Velha, hoje é possível ver os dois cursos – o rio original e o canal de 1956 – correndo paralelamente. Os dois cheios de lixo e de esgoto. O rio original está ainda mais degradado.

O aposentado Jair Lima, de 64 anos, mora há 19 anos bem no meio dos dois “valões”. “Há 52 anos que moro aqui na região, já tomei muito banho, peguei muito peixe no Rio Marinho, mas depois os moradores foram vindo, a poluição foi vindo, foram jogando esgoto, lixo, é cachorro morto, tudo”, conta. Os dejetos da casa do próprio aposentado também são jogados no rio. “Existem uns canos (de uma antiga rede de esgoto), só que entupiu tudo”, diz Lima. Mesmo

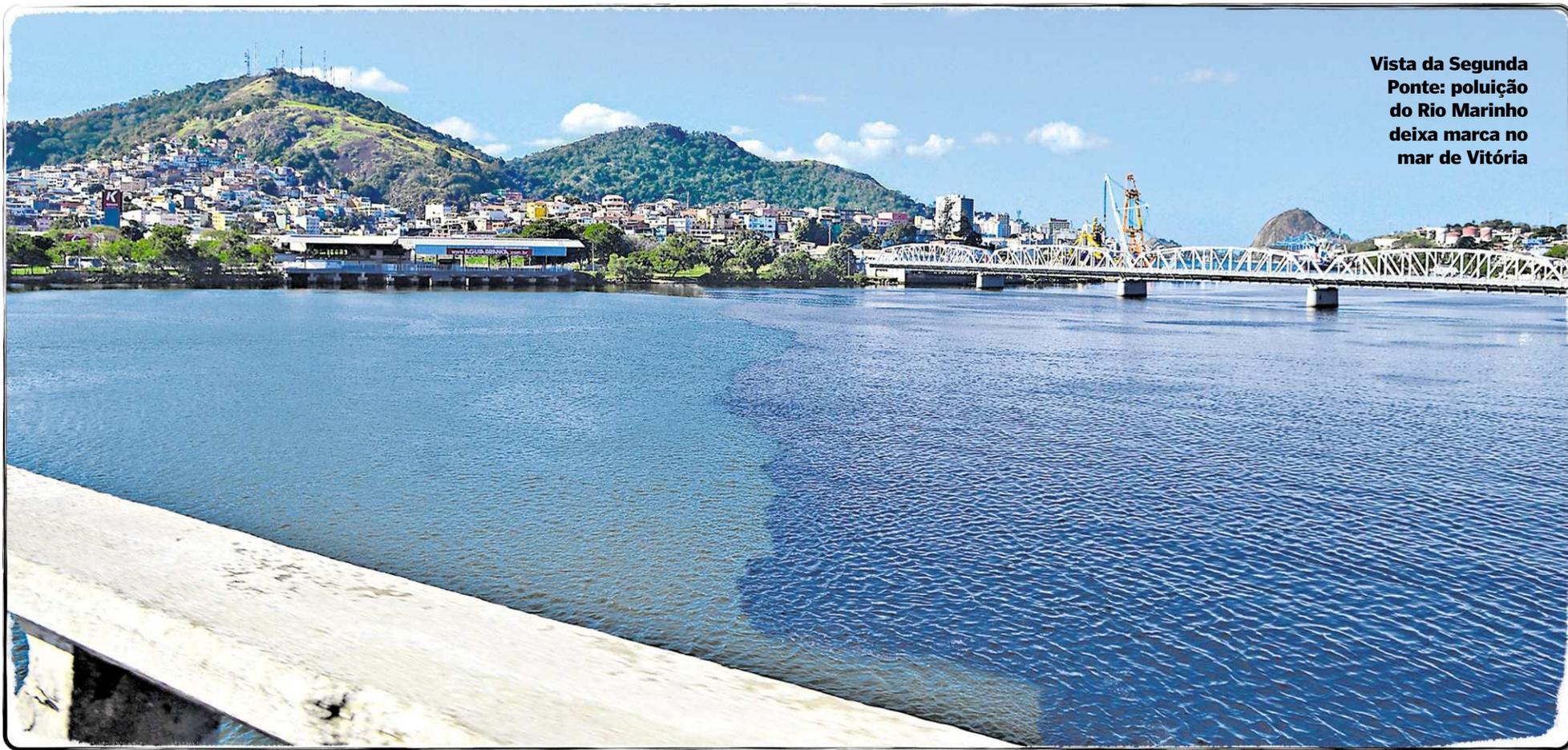


PRIMEIRA DE MUITAS INTERVENÇÕES

O arquiteto Juliano Motta mostra a região onde o Rio Marinho começa, em um ponto de encontro com o Rio Formate, no bairro Caçaroca, em Cariacica. Perto dali também foi feita uma obra pelos jesuítas para facilitar o escoamento da produção da Fazenda Araçatuba.



Vista da Segunda Ponte: poluição do Rio Marinho deixa marca no mar de Vitória



FERNANDO MADEIRA E GUILHERME FERRARI

longe dali é comum ver os canos que saem das casas e despejam o esgoto, sem nenhum tratamento.

REDE DE TRATAMENTO

De acordo com a Cesan, dos 71.755 imóveis existentes na bacia de contribuição do Rio Marinho (o que corresponde a 62 bairros de Vila Velha e Cariacica), 49% não estão ligados à rede de esgoto, sendo que, desses, 37% não têm mesmo como se ligar à rede porque ela ainda não foi construída e 12% dos imóveis estão em área com rede, mas ainda não se conectaram.

E ainda há quem duvide da eficiência do tratamento, quando ele está presente. Nas imediações do Rio Marinho há duas Estações de Tratamento de Esgoto (ETE), a de Jardim Botânico e a de Bandeirantes. Ex-presidente do Iema e ex-secretário de Meio Ambiente de Cariacica, o engenheiro civil Claudio Denicoli diz que já observou o efluente – o esgoto tratado – que sai da ETE de Jardim Botânico e até pediu uma análise à Cesan. O resultado, de acordo com ele, foi o pior possível.

“Nessa estação o esgoto sai mais sujo do que entra”, afirma Denicoli. Integrante da ONG Guardiões do Rio Mar, o ambientalista Fran-



Margens do rio são tomadas por todo tipo de lixo descartado



Menino observa tartarugas no “valão” na região de Cobilândia

cisco de Moraes diz que a água que sai das ETEs desperta, no mínimo, suspeitas. Procurada pela reportagem, a Cesan informou que a estação de Jardim Botânico foi transformada em uma elevatória para reversão do esgoto coletado para a ETE Bandeirantes. Já a de Bandeirantes, ainda segundo a companhia, “opera com alta eficiência, conforme demonstra o histórico de análises laboratoriais de 2016”.

Em meio a meandros desfeitos, canalizados e poluídos, o Rio Marinho original se junta ao canal artificial e deságua na Baía de Vitória entre a Segunda Ponte – que, aliás, teve seus pilares construídos no leito do rio – e a Cinco Pontes. Dados da ONG SOS Mata Atlântica de fevereiro de 2017 e do Instituto Estadual de Meio Ambiente (Iema) relativos a 2013 mostram que a qualidade da água do Rio Marinho é péssima.

“Tratar o esgoto é essencial, mas achar que um dia você vai beber a água do Rio Marinho é utopia. Ele pode melhorar a qualidade de vida de forma recreativa, paisagística. Mas para captação, muito difícil”, avalia o diretor de planejamento da Agência Estadual de Recursos Hídricos (Agerh), Antonio de Oliveira Junior.

UM SONHO: RIO MARINHO DESPOLUÍDO

José Batista da Costa (à esq.) e Francisco de Moraes cresceram no bairro Rio Marinho e desfrutaram de suas águas. Hoje, têm uma ONG para lutar por sua preservação. “O Rio Marinho não pode ser tratado como um valão. Tem que ser tratado como um rio, uma vida”, diz Moraes.



POLUIÇÃO TOTALMENTE AO REDOR DE CASA

A casa de Laura e Jair tem a frente e os fundos voltados para o Rio Marinho. No local onde há décadas eles já tomaram banho e pescaram peixes, hoje a situação é outra: “A gente nem coloca a mão aí dentro. O esgoto é tirado das casas e cai todo dentro do valão”, diz ele.

62 BAIRROS

▼ Vila Velha

Rio Marinho, Jardim Marilândia, Cobilândia, Alvorada, Cobi de Cima, Cobi de Baixo, Nova América e parte dos bairros Planalto, Industrial, Alecrim, Vila Garrido, São Torquato e Vale Encantado

▼ Cariacica

Jardim de Alah, Rio Marinho, Castelo Branco, Bela Vista, Santa Paula, Bandeirantes, Vila Isabel, Campo Belo, Jardim Campo Grande, Sotelândia, Vista Mar, Maracanã, Itapemirim, São Benedito, Parque Gramado, Santa Bárbara, Campina Grande, Tiradentes, Morada de Santa Fé, Rosa da Penha, São Geraldo II, Bela Aurora, Boa Sorte, Vale Esperança, São Conrado, São Geraldo, Cruzeiro do Sul, Vila Palestina, Itaquari, Nova América e parte dos bairros Caçaroca, Vista Linda, Jd. Botânico, Alzira Ramos, Padre Gabriel, Santo André, S. Francisco, Vila Independência, Vila Capixaba, Campo Grande, Vera Cruz, Alto Lage, Expedito, Sotema, Alto da Boa Vista, Operário, Jd. América, Oriente, Vasco da Gama

gazetonline.com.br

MATERIAL MULTIMÍDIA

Confira entrevistas em vídeo com estudiosos e moradores da região do Rio Marinho. leia.ag/especialrios

leia amanhã

RIOS INVISÍVEIS

A cobertura do Canal da Costa e de outros cursos d'água é ou não solução?